

APONTAMENTOS DE UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DE GEOGRAFIA EM ÁREAS DE ASSENTAMENTO RURAL, NO ACRE

APUNTAMIENTOS DE UNA EXPERIENCIA CON EL ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFIA EM ÁREAS DE ASENTAMIENTO RURAL, EN EL ACRE

Silvio Simione da Silva

Doutor em Geografia pela FCT-UNESP
Professor Adjunto do Curso de Geografia e do
Programa de Mestrado em Desenvolvimento
Regional da Universidade Federal do Acre
ssimione@terra.com.br

Elverence Vieira da Silva

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Acre
elverence@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho é resultado de dois anos de experiência em pesquisa e extensão em áreas de assentamentos Agroflorestais no Acre. Apresentamos uma contextualização da realidade encontrada nestes assentamentos; situamos esta, no âmbito das condições vivenciais da Amazônia e, a partir daí estabelecemos crítica a base do conteúdo formulado externo ao espaço rural e também distante da realidade regional. Neste sentido, considerando que a Amazônia-acreana se caracteriza por certos processos específicos da sua produção do espaço, vemos que aqui a realidade agrária é complexa sendo que a condição de pertencimento também expressa a dimensão territorial da floresta tal qual a de campo. São *locus* de vida ligado a terra como meio fundamental de produção, mas que se especifica perante o uso do espaço estabelecido. Propomos um ensino que busque o conteúdo geográfico presente nesta realidade como forma conhecer o campo e a floresta, perante a (s) realidade (s) socioespacial (is) diversa (s) da Amazônia. Isto numa lógica de romper com o paradigma do ensino feito na cidade para o campo (ensino no campo), por um ensino do campo.

Palavras-chave: Paradigmas. Geografia. Ensino. Campo/floresta. Realidade. Amazônia.

Resumen

el presente trabajo es el resultado de dos años de experiencia en investigación y extensión en áreas de asentamientos Agroforestales en la Amazonia Acreana. Presentando, una contextualización de la realidad encontrada en esos asentamientos, la situamos en el ámbito de las condiciones vivenciales de la amazonia y a partir de ahí establecemos crítica a la base del contenido formulado externo al espacio rural y también distante de la realidad regional. En tal sentido, considerando que la Amazonia

acreana se caracteriza por certos procesos específicos de la producción de su espacio, observamos que aquí la realidad agrária es mui compleja siendo que la condición de pertenencia también expresa la dimensión territorial del bosque tal cual a la del campo. Son *lócus* de vida ligados a la tierra como medio fundamental de producción, pero, que se especifica ante el uso del espacio establecido. En este artículo proponemos una educación que busque el contenido geográfico que está presente en esa realidad, como forma de conocer el campo e el bosque, ante las varias realidades sócio-espaciales de la Amazonia. Es decir, dentro de la lógica de romper con los paradigmas de la educación hecha en la ciudad para el campo (educación en el campo), por una educación del campo.

Palabras clave: Paradigmas. Geografia. Educación. Campo/bosque. Realidad Amazônia.

Introdução

Numa pesquisa em área de assentamento rural que vínhamos realizando desde 2005, constatamos que dentre as principais dificuldades enfrentadas pelos professores estavam às situações do confronto entre conteúdo disciplinar oferecido e a realidade local. Isto, pois, às vezes, a realidade, aos professores, aparece muita distinta de sua formação quando suas atividades de ensino atingem várias áreas disciplinares. Vimos que esta situação de desconhecimento também é defrontada tanto nos livros didáticos adotados, como em treinamentos recebidos, como nos relataram professores locais de vários Pólos Agrofloretais no Acre.

Mas seria esta uma realidade apenas do ensino de Geografia? Não, na verdade a situação é muito mais ampla, pois perpassa todas as áreas do conhecimento trabalhadas no Ensino Fundamental. Começa pela abrangência do ensino que mostra uma realidade complexa, cheia de significados e conteúdos impregnados por situações perceptíveis que não estão bem representados nos materiais didáticos e informativos disponíveis, inclusive na própria formação unidisciplinar do professor, em face aos desafios multidisciplinares. Tudo no trabalho cotidiano, tanto na sala de aula com os materiais didáticos (livros, orientações metodológicas etc.), como no seu trânsito pela realidade da comunidade rural em que a escola inserida.

Diante destas situações, começamos a perguntar qual a importância de nossas pesquisas se não tivermos como reverter algo prático para uma situação como esta? Assim, diante de uma possibilidade aberta pela Pró-Reitoria de Extensão da

Universidade Federal do Acre, buscamos expandir nossas ações no sentido de responder a estes desafios tratados. Surgiu então o Projeto: “O Ensino de Geografia do Campo e da Floresta: oficinas pedagógicas sobre a construção da noção de espaço/território em realidades de assentamentos familiar no Acre”. Com isto, em primeiro lugar oferecemos aos alunos e professores a possibilidade de participarem de atividades que os ajudassem na construção da noção conceitual de produção do espaço/território e a representação a partir de sua realidade vivida no espaço agrário. Em segundo, ampliamos a compreensão da noção de família, comunidade, campo/cidade, município e Estado a partir de experiências em que o professor possa exercitar como os alunos sobre as dimensões de seu espaço próximo.

Reflexões a partir das atividades desenvolvidas

Com este propósito, durante os anos de 2006/2007 realizamos na escola do projeto de assentamento Pólo Agroflorestal Wilson Pinheiro II, no município de Brasiléia e, na zona rural do Município de Porto Acre, quatro oficinas. A partir desta situação, tomaremos, aqui, alguns pontos para refletirmos esta experiência e sobre questões a cerca do ensino feito no espaço rural.

Consideramos que a educação, no amplo sentido do termo, em sua prática cotidiana é deveras segregadora das dimensões do espaço produzido para além da cidade. Os adjetivos qualificantes do que não é a cidade (agrário, rural, campo, floresta, agricultura) são visto como dimensionadores espaciais do atraso numa perspectiva produtiva/mercadológica da realidade. Daí como *locus* de reprodução, assim preconizados, são espaços em que se imperam a impossibilidade de quem nele vive obter boas chances de conseguir progredir, profissionalizando para viver neste/deste ambiente.

Então neste paradigma, a educação é um processo de formação que tenta generalizar um modo de vida e de pensar que apenas a realidade citadina é capaz criar melhor possibilidade de viver. Mas viver na cidade! Daí o estudo teria um caráter social regenerador, para possibilitar a saída do sujeito do agrário para a cidade, local do

moderno, do que é adiantado. Isto foi direto ou indiretamente induzido no processo educativo pelas legislações nacional por muitos anos no Brasil.

O ensino ministrado, portanto ao longo de décadas, foi um modo de legitimar a ação generalizante da ideologia da superioridade da vida urbana sobre o rural. Difundiuse valores de um espaço predominante urbano, às vezes, considerando que o rural é local de pessoas que não puderam responder aos desafios de uma vida bem sucedida na cidade; ou ainda, de homens e mulheres despreparados para o mercado de trabalho. Isto seria a causa de sua pobreza e incompetência as bases modernas atuais.

Neste sentido, o espaço produzido é dotado de condições que tendem a ser generalizadas a partir da lógica produtiva posta pelas condições da reprodução capitalista do espaço. Cidade e campo/floresta são espaços opostos no tocante as condições postas para o desenvolvimento na perspectiva “urbanocêntrica” (SECAD/MEC, 2007) da realidade. Noutro ponto, há uma visão simplificadora do que não é urbano/cidade com se o campo, enquanto espaço produzido sintetizasse a totalidade; isto é outra perspectiva espacial da realidade agrária.

Se considerarmos que o espaço produzido é *locus* de ações diversas de sujeitos que estabelecem domínios, a realidade é diversa a partir do uso que se faz do espaço. Então, perante o uso deste espaço, na realidade Amazônica, seguramente, há uma expressão socioespacial que tridimensionalmente aponta para processos produtivos que revelam materialmente em realidade do campo, da cidade, e da floresta. Campo e floresta dimensionam territorialmente o agrário, não como relações casuais contrárias, mas como dimensões que dialeticamente regem-se inter-relacionando e complementado.

Uma educação no campo tem sido uma transposição que centra seus esforços em expandir a ideologia urbana. Aí tem sido fomentadora da legitimidade destas visões preconceituosas e limitantes da capacidade regeneradora da educação, inclusive, para o sujeito agrário, no espaço produzido.

A necessidade de romper com estas perspectivas têm levado a revermos bases para uma educação do campo e, igualmente da floresta como dimensão territorial. Então, esta *educação* deve emergir como forma de valorização do conteúdo presente na realidade agrária. Isto, claramente, em contraponto a perspectiva de uma *educação no campo*.

Consciente desta realidade foi possível iniciarmos oficialmente ações para repensar estas dimensões diferenciais no processo educativo. Buscava-se atender as especificidades de um espaço produzido que é muito mais complexo que visto numa perspectiva homogeneizante. Isto, certamente estará complementando a possibilidade de formularmos base para o desenvolvimento da compreensão da noção de espaço.

Nas oficinas, a partir dos exercícios sobre o conteúdo do lugar vivido pelo aluno, o espaço foi trabalhado como uma dimensão vital e construída por experiência, por vivência e por relações sociais que materializam. Daí chega-se a noção de território como domínio que se vai estabelecendo, ou seja, surge de uma prática no reconhecer de seu espaço vivido. Assim, compreende-se que esta construção se principia desde os primeiros passos na aprendizagem da criança na mais próxima dimensão espacial, até dimensões mais distantes.

No espaço agrário este processo é vivido mais intensamente. É ao romper os limites caseiros, ainda nos primeiros anos, que as crianças são levadas ao confronto mais intenso com outras formas de vidas e relações no espaço, como ao compreender o modo de seus pais ganharem a vida no trabalho com a terra. Há, aí, uma pedagogia do contacto, do cheiro, da percepção que se faz por e na relação com o ambiente vivido na sua integridade. Isto, feito a partir de atividades lúdicas e de visitas, observações e ações interativas com o ambiente do assentamento rural.

Desta forma, o ensino da Geografia tornar-se fundamental para revermos estes paradigmas. Ora, produtores e construtores de espaço somos desde o nosso nascimento! Conhecer este processo espacializante é nos situar na raiz de todas as áreas do conhecimento.

A formação da noção de espaço nas primeiras séries escolares reflete ao estágio de desenvolvimento psíquico e social da criança. Este vai ocorrendo na medida em que a criança rompe com seus limites no espaço imediato e se introduz noutras dimensões relacionais mais amplas. O espaço, aí ainda é uma dimensão quase “impenetrável” que se abre para conquistas paulatinas que o sujeitos vai pondo, a medida que vai efetuando alterações na capacidade perceptiva (ALMEIDA; PASSINI, 1989).

Será nesta base em que a grade curricular de Geografia a 1ª a 4ª permitiu-nos aportes para a apreensão do espaço agrário local. Isto, sem romper com a lógica

universalizante do ensino. Com isto, definimos o conteúdo trabalhado nas oficinas. Vejamos:

Na “1ª Série do Ensino Fundamental”, o eixo temático é “o aluno e suas inter-relações socioeconômicas e culturais em seu local de vivência”, isso visto a partir da “família e da escola” (ACRE, 1999). A construção da noção de espaço parte das experiências que se localizam na casa, no lote. O espaço lhe é próximo e conhecido; e é ao mesmo tempo o princípio de uma caminhada rumo ao distante.

Na “2ª Série do Ensino Fundamental” o eixo temático foi “as inter-relações socioeconômica-ambientais do aluno no seu bairro e em outros espaços”. Com isto, os alunos já estarão em condições de compreender as relações mais diversas. Podem perceber que a realidade não é de um bairro, mas de sua comunidade, do ramal (estrada vicinal) onde mora (o que certamente implica em outro arranjo espacial). Estes são locais em que se travam amizades, brincadeiras, pequenos trabalhos num processo de aprendizagem, que conhecem muito mais as gentes com quem se convive. Todos nós produzimos espaços; mas ao produzi-los levamo-os para mais distantes de nós.

Na “3ª Série do Ensino Fundamental” o eixo temático é “o aluno e suas inter-relações espaciais dos municípios” a partir dos conceitos de “município, paisagem rural e paisagem urbana”. Nota-se que o aluno terá que ver as dimensões mais distantes, porém não necessariamente abstratas. O local estará presente na vinculação apreendida e também no ponto de partida para um exercício reflexivo com as leituras da paisagem que os cercam. A abstração pode já ser mais exercida, pois a faixa etária já o permite a construção mental de representações espaciais mais distantes.

Na “4ª série do Ensino Fundamental” o eixo temático refere-se a “construção e organização do espaço de vivência mais complexo: o estado do Acre”, em seus aspectos populacionais e atividades econômicas”. Agora também já se coloca como parte da abstração, pois se trata de espaços mais distantes. Este aprendizado pode ser um facilitador ao aluno, para que este se veja como participante de diferentes dimensões espaciais, mas que seu lugar é tão importante quanto outro.

Nas oficinas este conteúdo foi repassado por exercícios que possibilitaram aos participantes perceberem que o lugar vivido está nutrido por muitos significados do que se estuda na escola. Isto apenas se completava quando estes professores e alunos

passarem a se ver como formuladores de um conteúdo que emerge do seu lugar, para compreender o (s) seu (s) lugar (es) na totalidade espacial em que vivemos.

Considerando o que já desenvolvemos nestas oficinas, já se pode dizer que os resultados têm sido muitos proveitosos. Atuamos no sentido de criar metodologias para construção de textos de conteúdo geográfico, partindo da realidade próxima como a família, a comunidade para chegarmos a noções de espaços mais distantes como município e estado. Então, o conteúdo programático e os livros didáticos vindos da cidade podem ser reforços, mas o conhecimento geográfico provém como resultante da observação, compreensão, interação socioambiental e exposição feito pelos sujeitos da ação educativa. Tudo isto numa perspectiva interativa com o lugar. Portanto, vemos que nossas ações de extensão podem ser fatores para abrir possibilidades, aos participantes, de aprender com sua realidade, e romper como limites antes posto como se a educação rural fosse algo de segundo plano.

Referências

ACRE, Secretaria Estadual de Educação. **Referências curriculares:** 1ª a 4ª série – Ensino fundamental. Rio Branco: SEC/AC, 1999.

ALMEIDA, Rosangela A. Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico:** ensino e representação. São Paulo: Contexto, 1989.

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da educação. **Educação do campo:** diferenças mudando paradigmas. Brasília: SECAD/MEC, 2007.